

Cuatro reflexiones sobre moral, odio y perdón

Quatro reflexões sobre a moralidade, do ódio e do perdão

Alfonso Felipe Díaz Cárdenas

Universidad Autónoma de Puebla

diazcard@yahoo.com

María del Rayo Sankey García

Universidad Autónoma de Puebla

ryathome@hotmail.com

Resumen

En el capítulo se analizan cuatro perspectivas psicológicas que estudian las acciones humanas que son consideradas como buenas o malas desde una perspectiva moral así como algunos estudios afines a estos puntos de vista. Hemos tomado la perspectiva de Beck al considerar que el pensamiento humano está organizado en esquemas y modos cognitivos. Además consideramos que los procesos cognitivos en el ámbito moral toman como base esos conjuntos organizados de creencias que son, esencialmente, construcciones sociales que nos llevan al camino de la hostilidad o del perdón. Por consiguiente, es la interpretación de la situación, así como de las intenciones que motivan la conducta de los demás y la propia, la que determina la evaluación moral del comportamiento humano.

Palabras clave: cognición, moral, perdón, esquema, construcción social, modo cognitivo.

Resumo

No capítulo quatro perspectivas psicológicas que estudam as ações humanas que são considerados como bom ou ruim do ponto de vista moral, bem como alguns estudos relacionados esses pontos de vista são discutidos. Nós tomamos a perspectiva Beck quando se considera que o pensamento humano está organizado em esquemas e modos

cognitivos. Acreditamos também que os processos cognitivos na esfera moral são baseadas esses conjuntos organizados de crenças que são essencialmente construções sociais que nos levam para o caminho de hostilidade ou perdão. Portanto, é a interpretação da situação e as intenções que motivam o comportamento dos outros e eu, que determina a avaliação moral do comportamento humano.

Palavras-chave: cognição, moral, o esquema de perdão, construção social, de modo cognitivo.

Fecha recepción: Marzo 2012 **Fecha aceptación:** Mayo 2012

Introdução

Os sistemas morais humanos fornecem uma maneira concreta de integrar os valores e padrões que a sociedade espera defender –por menos tão creencias–; como base e guia para o seu comportamento e, principalmente, para lhe permitir avaliar o comportamento dos outros em sua interação com ele. Assim, os seres humanos são tanto os produtores, como produtos de sistemas sociais em que vivem (Bandura, 2001). Certamente, os nossos pontos de vista não são apenas o produto dos valores que construímos, mas resultam de papéis sociais que jogamos (Perkins, 2009). Nesse sentido, neste capítulo vamos parar para analisar quatro perspectivas psicológicas que estudam as ações humanas que são considerados como bom ou ruim do ponto de vista moral e possivelmente rever alguns estudos relacionados com estes pontos de vista. A selecção destas perspectivas enfatiza três temas principais intitulan esta seção: moral, ódio e perdão como os processos essencialmente cognitivas.

O desenvolvimento do raciocínio moral Piaget

Jean Piaget (1985) oferece um estudo sério e de grande extensão total no desenvolvimento do raciocínio sobre questões morais. Com o mesmo método clínico que investigou o desenvolvimento de estruturas lógico-matemáticas lida com a análise do desenvolvimento de julgamento moral em crianças e adolescentes: Peça à criança para

refletir e expressar as suas opiniões sobre questões que têm uma implicação moral ou obrigação relativa à a forma social de "dever".

Baseado em uma série de entrevistas com crianças, Piaget (1985) sugere que todo o pensamento verbal criança consiste na sensibilização dos regimes construídos através da ação e propõe uma seqüência evolutiva, a partir de uma fase pré-moral, através de duas fases claramente diferenciadas. No primeiro destes dois períodos, que chamou de moralidade heterônoma da criança com base em seus julgamentos, um total de, regras e regulamentos unilaterais não recíproco estabelecidos pelos adultos respeito. É uma moral de obediência cuja fonte é totalmente estranho para a criança. Enquanto em uma segunda fase, chamada moral autônoma, a criança tenta basear as suas decisões morais no respeito mútuo, cooperação, igualdade, reciprocidade e justiça.

Na orientação heterónoma o autor adverte nas respostas de crianças com tendência a considerar os direitos e valores que se relacionam com eles como subsistente em si, independentes de consciência e impostos obrigatórios, quaisquer que sejam as circunstâncias em que eles estão presentes o indivíduo. Esta tendência de realismo moral envolve três características: i) o dever é essencialmente heterônoma; ii) qualquer ato que responde a obediência a uma regra, isto é, um ato de obediência aos adultos, é bom; iii) qualquer acto contrário às regras, é ruim.

Assim, a regra não é realmente produzido pela consciência eo bom é rigorosamente definido por meio da obediência. Como a pressão adulto produz um tipo de detalhe realista, a regra deve ser observada ao pé da letra e não no espírito. Com base nesta concepção objetiva de responsabilidade, a criança vai começar a avaliar atos não de acordo com a intenção de que acionado, mas em termos de seu material de acordo com as regras propostas.

Piaget Ele observou que alguns pais, as suas estratégias e táticas disciplinares não promover o desenvolvimento moral das crianças. Ele disse então que "a maioria dos pais impor seu filho um grande número de funções que razão, por um longo tempo, é

incompreensível a ele" (1985, p. 160). Assim, a criança coloca todas essas regras na mesma plano físico próprios fenômenos.

Ao analisar os argumentos que as crianças fazer para chegar à fase de moral autônoma, Piaget (1985), com uma grande capacidade de investigação e uma excelente vista dos processos cognitivos, colocar no centro da discussão como reciprocidade um factor de autonomia. Ele observou que até uma autonomia moral quando a consciência necessário um ideal independente de toda expressão exterior. Isto é, a criança descobre que não relacionado com o outro sem necessidade moral. Assim, a autonomia aparece simultaneamente associado a reciprocidade quando o respeito mútuo é forte o suficiente para que o indivíduo experimenta a partir da necessidade de tratar os outros como ele gostaria de ser tratado.

Assim, se por um lado a partir da perspectiva heterónoma a idéia de sanções unilaterais é o respeito integral e autoridade moral, qualquer progresso na cooperação e no respeito mútuo naturalmente eliminar, gradualmente, a idéia de expiação a noção de castigo e reduziu às proporções de um simples reparo ou uma simples medida de reciprocidade.

Piaget propôs que o desenvolvimento das crianças um conceito emergente em primeiro lugar, com base no que ocorre toda vez que você acha mais justo se defender e devolver os espancamentos. Isto torna-se uma simples questão de compensação, é também sobre reciprocidade: se, digamos, alguém o direito de perfurar me é concedido, também me dá esse direito.

Mas, devido em parte à busca de um equilíbrio progressivo, caridade e perdão das ofensas superam a mera igualdade. E esse desenvolvimento, de acordo com Piaget, os conflitos criança surgir entre justiça e amor ", porque às vezes a justiça prescreve o que o amor acaba e vice-versa" (Piaget, 1985, p. 270), o preocupação reciprocidade leva-o a superar esta um pouco curto justiça matematicamente de volta muitos golpes como recebido.

A criança começa a colocar perdão sobre a vingança, não por fraqueza, mas por causa da vingança "nunca mais acabar", como Piaget expressa a dez anos (1985, 271 p.). O preceito

"Faça aos outros o que gostaria que eles não" acontecer a igualdade bruto. Assim, sem deixar reciprocidade, aliados generosidade com a simples justiça e que a criança descobre que uma das formas mais avançadas de justiça e de amor sem oposição real (Piaget, 1985).

Mas a moral de obediência não é peculiar à idade, a fim de compreender que um adulto pode prejudicar e até matar, para outro apenas para atender a um pedido recebido de alguém com autoridade sobre ela, Stanley Milgram concebeu uma série de experimentos em que um sujeito faz uma série de perguntas sobre a tarefa aprendida por alguém sem conhecê-lo, concordou com Milgram para cometer erros. Antes de cometer um erro, esse cara tinha que administrar choques elétricos que aumentaram de intensidade com cada resposta falhou. Milgram propôs a partir de suas observações sobre esta situação experimental em que a pessoa avaliada, na verdade, não receberam nenhum download, que a maioria das pessoas já aprenderam a obedecer quase que automaticamente e sem hesitação para quem adota um papel autoridade para isso, embora, de facto, não têm.

Entre as principais conclusões dos seus estudos Milgram observa que, mesmo "que a pessoa, que a convicção interior, repudia roubar, matar ou agressão pode descobrir-se executar essas ações com relativa facilidade quando solicitado por qualquer autoridade. Em outras palavras, comportamentos que são inimagináveis para um indivíduo agindo por sua própria vontade pode ser executada sem qualquer hesitação, se eles são feitos a fim de cumprir as ordens "(Milgram, 2009, p. 19).

Os pais e gestores de instituições sociais, como escolas ou disciplina da igreja, muitas vezes se concentram na criação de obediência como um valor em si mesmo. Para Milgram, a essência da obediência encontra-se no processo que leva uma pessoa a ver-se como o instrumento para executar eventos que outra pessoa quer, e que, portanto, não é mais considerado mais responsáveis por sua própria ações. Tal como mostrado na experiência Milgram, obediência torna-se um processo automático para a criança e é provável que se mantenha na idade adulta.

Claramente desobedecer a autoridade é um processo que requer a quebra de automação e tomar uma decisão deliberada. Em tais casos, Milgram observou, existe uma pessoa real, que deve obedecer ou desobedecer a autoridade, uma instância específica na qual um episódio de desafio pode ocorrer. Vigorosamente este pesquisador aponta que "todos os actos de desobediência são caracterizados por aquele momento de uma ação decisiva" (Milgram, 2009, p. 20). O ato de desobediência é, então, uma decisão cognitiva ainda mais consciente e muitas vezes mais difícil do que se decidirmos se comportar obedientemente. Um soldado que recebe ordens para atirar e matar uma mulher em um campo de batalha não poderia decidir obedecer a muitas complicações cognitivas e assassinato. A decisão de não obedecer a essa ordem exige, no entanto, um processo cognitivo mais complexo, incluindo o cálculo das graves consequências que acarretaria o ato de desobediência, neste contexto, também descontado o fato de que sua desobediência não vai salvar vida provavelmente a mulher e um outro soldado responsável por matar e fazer cumprir a fim de que ele se recusou a consumir.

A teoria social cognitiva Bandura

Podemos introduzir a análise da teoria de Bandura com o exemplo de extermínio judeu e perguntar como foi possível para os alemães educados na fé cristã poderia obedecer às ordens que os fizeram violar o respeito pela vida humana Por que então se comportou ao contrário do o que prega a religião ea fé cristã? Bandura (1991) estudou extensivamente o desenvolvimento do comportamento humano e enfatiza o papel da aprendizagem por observação, por exemplo, refere-se ao fato de que, mesmo quando os pais e professores nos dizer o que fazer eo que você não deve fazer, é seu comportamento real que orientam o comportamento de crianças e jovens. Eles podem ouvir os seus pais a importância da caridade e igual a outro respeito, mas aprender mais com o seu comportamento discriminatório e agressivo contra pessoas pertencentes a diferentes grupos para a deles, quer em termos económicos, religiosos , políticos ou mesmo em relação a nossas paixões para equipamentos esportivos.

Como parte da teoria social cognitiva de Bandura (2002, 1991), o raciocínio moral está ligada à ação moral através de mecanismos de auto-regulação. Esta formulação sugere que o auto moral está ligado ou desligado em diferentes contextos e circunstâncias por uma série de mecanismos ditadas desconexão entre padrão e incoerente, contraditória e oposta a todas as ações normas morais. Algo como se os pais declararam suas crianças ", esta é a norma, mas não se preocupe, porque você aprender diferentes maneiras de violar, sem a consequência cognitiva, comportamental ou emocional para você".

Na medida em que o menino cresce e sua capacidade cognitiva é desenvolvido, adultos passam de sanções sociais ou físicas corretivas para assegurar o cumprimento das regras de crianças ameaças. Estas consequências sociais combinadas com explicações e argumentos nutrir auto-contenção e auto-regulação, que são mais eficazes do que os mecanismos de punição de fontes externas. Suplementarmente, induzindo sentimentos de empatia pelas vítimas do nosso imoral ou violar os direitos de outras ações, reforça a convicção da necessidade de respeitar os direitos dos outros e regular nosso comportamento.

Bandura (2002, 1991) propõe pelo menos três casos em que podemos transformar a nossa auto-regulação moral: a) o próprio comportamento, o que pode ser considerado como totalmente incompatível com a concepção e definição de quem somos como pessoas; b) as consequências de seu próprio comportamento que ponham em risco a segurança da pessoa, as suas relações com os outros ou algumas possessões em situação de risco; c) a vítima, cuja evocação pode ativar pensamentos e emoções de empatia, consideração, compaixão ou piedade.

De acordo com Bandura (1991) nossos pais e professores nos ensinaram por palavras ou por modelar os mecanismos que atuam justamente nessas três instâncias e permitir-nos para limpar a auto moral e se comportar de uma maneira que violou princípios e regras, teoricamente, aceitos, não importa as consequências, para nós mesmos ou aos outros sem se preocupar com o que você pode sentir, sofrer ou a outra pessoa sofrer.

Em termos cognitivos, esses mecanismos não são nada mais do que os processos cognitivos básicos pelos quais as pessoas fazem sentido de suas próprias ações, de suas relações com os outros, suas intenções, o mundo em geral, e para o futuro.

Ao nível do comportamento, Bandura (1991) propõe três diferentes mecanismos para que a pessoa pode fazer comportamentos contrários às normas morais aceitas: justificção, que é de considerar nossas ações morais têm um propósito que lhe dá um valor acima para as quais é permitida a violar outros princípios. O caso mais dramático é o de matar outra pessoa a favor da luta contra o mal, para a salvação do mundo, para a defesa da verdade religiosa, a causa suprema da revolução ou algo similar.

Comparação paliativos é um segundo processo cognitivo que leva a atribuir significado ao comportamento imoral que permite que a pessoa a quebrar as regras que dizem que acreditam e não se sentir culpado, ou ativar mecanismos de auto-punição ou gerar um auto-regulação inibidora dessa ação. Como pode ser visto a partir do exemplo na nota II, os israelitas decidem assassinar palestinos que tenham cometido crimes contra o povo judeu acreditam que suas ações não são tão ruins quanto seus inimigos e, assim, gerar uma interpretação que funciona como um paliativo calmante qualquer desconforto que pode evocar a sua consciência.

Um terceiro mecanismo cognitivo é a rotulagem eufemística. Como observado por vários autores descrevem não só as palavras, mas realidades construídas. As ações humanas podem ter uma aparência diferente dependendo das palavras que usamos para descrevê-los. Usando uma linguagem asséptica ações imorais perdem seu desgosto (Bandura, 2002).

Exemplos do uso da língua em que foi escondido, disfarçado ou atenua-la "imoral" um ato que pode encontrá-los no que Klemperer (2001) chamou a linguagem do Terceiro Reich. Não só entre os alemães, mas, mesmo no caso dos judeus, o uso de palavras que "atos cruéis e consequências graves estão escondidos atrás, nomes diárias incolores" (Klemperer, 2001, p. 269) foi prorrogado. Assim, poderia ser dito que eles estavam "à procura de alguém" para expressar ou comunicar essa pessoa tinha sido tomada de forma

discreta, tanto para a prisão ou para o quartel, e que, com uma probabilidade elevada seria uma vítima de agressão injustificada. Mas também aqueles "eventos tornaram-se tão banal que todos os dias são designados como fatos comuns, em vez de ressaltar sua seriedade sombria" (Klemperer, 2001, pp 269 -270.); na indústria de televisão e cinema, incluindo a categoria de filmes de ação-aventura que contam as formas mais brutais de crueldade humana Bandura (1991); nas grandes indústrias, para relatar os resultados da análise dos impactos ambientais de suas emissões, eles indicaram que os resíduos foram encontrados derivados de ácido antropogénicos, em vez de usar os poluentes palavras ou resíduos perigosos; na prática militar de usar termos assépticas para reduzir a relutância em fazer com que a consciência dos soldados ações atribuídas. Assim, o bombardeio de uma cidade são chamados de operações cirúrgicas e mortes de civis tornam-se os danos colaterais. As principais operações militares são dados nomes como Desert Storm. Os terroristas chamam a si mesmos combatentes da liberdade. Como mostrado ainda mais, Bandura (2002) cita um senador dos Estados Unidos da América, que afirmou que "a pena de morte é o reconhecimento da nossa sociedade para a supremacia da vida humana".

Quanto às consequências, reais ou previstas, as crianças aprendem a partir de adultos processos cognitivos que lhes permitam minimizar, ignorar ou reconceptualizarlas de modo que, em termos morais, já não parecem ruins ou importante. Assim, a morte de dezenas de milhares de pessoas em Hiroshima por causa de uma bomba atômica lançada pelos Estados Unidos foi minimizada ou mesmo credível para muitos americanos. As consequências da guerra são muitas vezes ignorados ou redefinida como necessária ou inevitável e que a pessoa avalia apenas o triunfo do próprio exército.

Em relação à vítima, Bandura propõe dois métodos que inibem qualquer autosanción ou auto-regulação moral. Um deles é culpar a vítima. Com vários processos cognitivos baseadas em crenças socialmente construídos, acreditamos que muitas das vítimas de ações imorais de outras pessoas contribuíram para eles ou ter ganho ou merecido tais atos. Algumas mulheres aprenderam que se o marido ou parceiro comete um ato de infidelidade provavelmente fizeram com que não responde satisfatoriamente em sexo, amor, animal de estimação ou qualquer outro avião.

Os pobres merecem a sua situação, porque, em geral, acredito que eles estão bêbados, preguiçoso ou incompetente nos negócios. Eles invejar a riqueza do homem rico e aceitar que a sua situação é inevitável para suas deficiências inatas.

A mulher é molestada na rua que tem sido procurado vestida por homens principais, incapaz de controlar a si mesmo, a comportar-se grotescamente e lascivo. Se não usar decotes provocantes ou não qualquer um tinha um corpo desejável a mente, de modo que em qualquer caso, terão de culpar seus genes. Em casos de estupro, muitas mulheres se sentem culpados porque um conjunto de padrões e crenças que.

Como outro exemplo, podemos citar uma série de crenças que ativam quando na rua eles roubaram dinheiro, carro ou qualquer bem valioso. Nós culpamos automaticamente por deixar o carro no lugar que roubaram, ou tomar dinheiro ou jóias que causou a tentação dos nossos ladrões.

O outro mecanismo é a desumanização da vítima conseguido através do uso social de termos como "porcos", "macacos", "selvagem", "nacos" que cancela qualquer possibilidade de considerar o outro como um igual.

Na mesma linha, formas institucionais de burocracia e automação de assassinatos e violações dos direitos humanos contribuem para a desumanização das vítimas. Arendt (2000) propôs que esse processo resulta em uma banalização do mal pelo qual instituições responsáveis por atos que violem agindo na sua capacidade oficial, sem qualquer preocupação moral, cumprir as suas obrigações no âmbito do sistema social: a violência do Estado é apenas uma das tarefas que são necessárias para o exercício e, portanto, não requer nenhuma justificativa moral. Segundo que passava, ou melhor, nem mesmo na agenda do Estado, investigar as causas sociais da insegurança e da criminalidade, muito menos, é a tarefa do governo para criar condições que modificam essas origens.

A tarefa fundamental do Estado, derivado deste conceito é claramente expressa por Paul Werner, chefe da sede prevenção Kripo; Ele nomeado por Hitler em 1937, dizendo em 1941 que a missão da polícia alemã era exterminar crime e trabalhar para perpétua e

aniquilação total do ofensor como inimigo do povo. Que é considerado pelo historiador Martin Broszat como um sinal de que o regime nazista, o crime deve ser tratado como uma doença hereditária e, portanto, neutralizado e eliminado. É o que diz Broszat, os criminosos não foram percebidos como seres humanos, mas como parasitas que devem ser exterminados (Gellately, 2002 p. 70).

Um exemplo recente de luta contra o criminoso com esse ponto de vista, é bem resumida na seguinte declaração:

Vamos ter de lutar contra os inimigos da nação em todo o território nacional e terá que superar, ea perseverança de nossos esforços serão coroados com a vitória (Felipe Calderon, El Universal, 20 de fevereiro de 2007).

O presidente se recusa a aceitar a responsabilidade pela violenta escalada, como descrito por Carlos Fuentes (2008) em seu romance "A vontade ea fortuna"

O poderoso não quer saber o que é feito em seu nome. O grande criminoso secular, Al Capone, conhece e comandos. Mas mesmo o tirano mais temível abriu as comportas da violência que ele não pode controlar. (Carlos Fuentes, 2008, p. 347)

Estes processos cognitivos, incluindo sentido perdido ódio o agressor, como Primo Levi escreveu (2002) que "o ódio é pessoal, vai para uma pessoa, um homem, um rosto", mas o sistema nazista, por exemplo, de modo prudente ", fez contato direto entre escravos e senhores foram reduzidos ao mínimo" (Primo Levi, 2002, p. 302) e os perseguidores e os carrascos e vítimas, não tinha rosto, ou mesmo nome.

Observação de Primo Levi nos obriga a ampliar a perspectiva de Bandura e considerar uma reformulação do mecanismo que tem sua principal conduta níveis de ação do infrator e suas conseqüências: a desumanização da vítima. Com base nesta desumanizar a vítima não só perde suas características humanas e pessoais, mas também o agressor. Crimes são cometidos por um sistema em que cada indivíduo é apenas uma pequena parte e desempenha um papel, talvez crítico, mas, em geral, insignificante no processo imoral. Cada um pode ser substituído e não é ações necessárias para ocorrer.

Finalmente, no que diz respeito também ao agressor, a transferência de responsabilidade é um mecanismo pelo qual a consciência moral é liberado para transferir a responsabilidade para as ações imorais a autoridade que é responsável por dirigir comportamento. Por mais que a obediência remover-nos o poder de decidir livremente o nosso comportamento, também nos dá o ponto de vista de culpar os outros pelo comportamento e suas consequências. Raramente em uma situação de criminosos de guerra sejam julgados como a maioria dos soldados das piores ações executores. Em vez disso, eles são considerados como os outros seres humanos afetados pelos criadores reais de tais atrocidades que são oficiais superiores que decidiram que estas ações foram realizadas.

Um último comentário sobre a teoria social cognitiva de Bandura do raciocínio moral (2002, 1991) é papel interessante o psicólogo canadense atribuído ao processo cognitivo de humanização. Este processo pode promover a desobediência a uma ordem exigindo a mágoa outro ser humano. Se mantivermos a percepção do outro como um ser humano, que a humanidade comum nos leva a perceber o homem mais valiosa no outro e em nós mesmos. Violar os direitos dos outros para lançar as bases de violência, injustiça e destruição dos direitos de qualquer ser humano, incluindo o estuprador.

A investigação sobre o perdão Enright Grupo

*¿Es posible ser perdonado y retener lo mal habido?
En los modos corruptos de este mundo
La acaudalada mano ofensora desplaza la justicia
Y con su perverso botín compra la ley.
W.Shakespeare, "Hamlet"*

A curiosidade científica para o perdão, no sentido da reconciliação e da restauração de uma relação social baseada não justiça vingativa ou punitiva tem sido geralmente teve como objetivo compreender o papel que desempenha no desenvolvimento histórico-social Indivíduos, instituições e organizações sociais. Um perdão não esquece os insultos e

queixas, mas precisamente porque lembre-se, construir novas relações que dificultam a reincidência do prejuízo.

No campo da pesquisa em psicologia interessante notar perdão de Robert D. Enright. Na literatura psicológica, o perdão não significa exonerar o culpado de uma transgressão, ou remeter o seu castigo, nem esquecer a ofensa. O perdão é bastante considerada como um processo em que uma diminuição de ressentimento ou raiva contra aqueles que nos atacaram ou ferido, juntamente com o desenvolvimento de pensamentos positivos e emoções em direção ao ofensor ocorre. Neste processo, é possível perdoar e não alcançar a reconciliação com o agressor, e pode perdoar sem abrir mão da busca de justiça. Para o grupo de Enright, o processo do perdão leva as pessoas a uma situação de força e não de fraqueza. Situação a partir da qual a decisão de perdoar apesar de ter uma consciência clara da injustiça feita a um (Knutson et al., 2008) é tomada.

Enright e seus colegas (Knutson et al, 2008 ;. Enright, 2001) propuseram um modelo que inclui vários aspectos integrados em quatro principais fases do processo de perdão.

- ☑ Descobrir e admitir o fato de o delito e as suas consequências
- ☐ Tomar a decisão de perdoar, ou seja, fazer um compromisso de perdoar como a melhor estratégia para lidar com o impacto do crime em nossas vidas.
- ☐ trabalho no desenvolvimento de uma perspectiva mais ampla que permite considerar o agressor destacada ação ofensiva como uma pessoa eu posso sentir compaixão e empatia.
- ☐ Dar um significado diferente para o delito que permite descobrir os benefícios do perdão. Um sentido de que não se reduz a ser marcado para a vida de uma pessoa pobre ou pobre pessoa que está sendo ferido e estigmatizada para sempre.

Três pontos relativos à primeira fase são: permitir que uma pessoa jovem ser ferido, que se sente humilhado e ofendido por aquilo que a pessoa fez e reconhecer o ressentimento e raiva em direção a ela. Enquanto isso parece óbvio e fácil a partir de um aparelho externo, o reconhecimento de agressão ou ofensa, como qualquer situação humana, nem sempre pode ser definida em termos dicotômicos como bom / ruim.

Assim, Enright (2001) propôs que a pessoa para avaliar o agressor de uma perspectiva que lhe permite ver além dos seus efeitos negativos. Ou seja, tentar se colocar no lugar do outro e vê-lo como um ser humano e não um monstro. Enright vai mais longe ao sugerir que a pessoa que executa ações positivas em relação ao infractor. Que, em termos sociais mais amplos, se justifica se tomarmos ações que terminam com as causas do crime e agressão ao invés de só procuram maneiras para exterminar o mal.

Além disso, Enright salienta a importância de a pessoa lidar construtivamente dor por isso não afeta aqueles que amam e apoia. Bem como construir um sentimento de que o que aconteceu não é apenas uma marca humilhante e estigmatizante.

Além disso, é importante reconhecer que na vida eu certamente ferido ou prejudicado outros provavelmente sentir ressentimento e ódio em direção a mim. E no meu processo de perdão, com certeza, vou encontrar mais apoio das pessoas ao meu redor que até agora têm recebido para ser abandonada e vítima indefesa de uma injustiça.

Finalmente, isto resulta no desenvolvimento de um novo propósito na vida eo fato de que sentimentos de raiva, ódio e ressentimento não nos dominar. Todo este processo tem uma consequência cognitiva: transformar o inimigo em um ser humano.

Beck perspectiva cognitiva comportamental

*Me percaté enseguida que mis colegas
estaban irracionalmente convencidos
de la racionalidad, y hacer que se
tambalease esa fe no iba a ser nada fácil
J.E.Stiglitz, "Caída libre"*

Quando as pessoas analisar uma situação desencadeou uma série de estruturas cognitivas que lhes permitem, quase automaticamente, seleccione os detalhes relevantes e enquanto eles são interpretados à luz de traços de conhecimentos relevantes anteriores. Os componentes básicos da organização são esquemas cognitivos. Esses subsistemas são integrados Beck (1985) chama de "modos" (por exemplo, depressivo, ansioso, hostil). A ativação dessa organização determina percepções cognitivas, interpretações, memórias e reações a situações e comportamentos dos outros e da pessoa. Com base nas crenças e expectativas derivadas da organização cognitiva classificar, rotulá-los, avaliar e atribuir

significado a tudo que acontece na vida. Assim, na maioria dos casos o que acontece é visto em linha com o que esperamos ver.

Seres inteligentes geralmente não tratar cada objeto ou situação como único e irrepetível. Nós categorizar a realidade e estabelecer semelhanças entre vários eventos. No entanto, como Pinker (2009) notas, enquanto tentamos programar um conjunto de critérios que determinam a definir uma categoria, ele desaparece.

Cognitivamente realidade para reconstruir em mente, o ser humano, compara e contrasta eventos ou coisas. Para determinar o que é generalizável a partir de uma situação para outra (Piaget, 1969) deve fazer uma abstração seletiva e deixar de lado muitas das características dos objetos, aquelas não vinculadas ao regime em jogo, e concentrar-se sobre as características relevante para o regime.

Beck (2009) define como processo de inferência arbitrária que leva a uma conclusão de uma situação ou experiência quando não há provas suficientes para apoiar essa conclusão ou mesmo quando é contrária à prova. No entanto, a maioria das pessoas aceitam como fatos e verdades muitas hipóteses para as quais nenhuma evidência.

Em geral, quando se refere a áreas políticas, históricas ou económicas, temos provas suficientes para apoiar a maioria de nossas crenças. De acordo com Stiglitz (2010), um tema de vital importância no mundo de hoje, as ações dos homens no mundo económico e financeiro e baseiam-se em expectativas baseadas em crenças firmemente detidos que muitas vezes não têm substância. Como em qualquer caso de profecias auto-realizáveis, essas expectativas gerar ações que levam inevitavelmente ao cumprimento. Assim, se prevê-se que haverá muitos jogadores falências de mercado apostam cobrando juros altos para compensar as perdas e falências ele vai ainda mais provável prestados. Por estas razões, pode-se inferir, também arbitrariamente, que a inferência arbitrária é muito comum e quase indispensável no processamento de informação humana. Se alguém propõe uma idéia baseada em crenças diferentes para obter rejeição socialmente aceitável não será considerado como uma pessoa credível. Por exemplo, a passagem durante a crise econômica do início deste século, ainda sofrem gerado uma queixa aos

economistas que nenhum deles previu, mas que ninguém refere-se a qualquer pessoa com credibilidade para banqueiros e empresários que a Assembléia aviso de vozes foi julgado indigno de confiança (Stiglitz, 2010)

Esta distorção cognitiva chamada também é atribuir recursos automaticamente para uma pessoa ou situação como atribuir um rótulo categórico. Esboço realidade permite-nos fazer sentido do que está ao nosso redor, mas nunca se esqueça que a nossa concepção do mundo é apenas um mapa da realidade, mas não a realidade em si provavelmente não será conhecida de forma totalmente independente do sistema nervoso e social humano (Bateson, 1979).

Assim, um modo cognitivo (Beck, 1999, 2009) é uma configuração afetivo-cognitivo-comportamental com um conteúdo central em torno do qual são ativados diagramas de acordos e crenças com ele dentro e fora os que contradizem ou refutar (Beck, 1985) . É um subsistema de organização cognitiva que permite a sobrevivência e adaptação para fornecer relevante a partir da perspectiva das situações de frente para o indivíduo. Corpos estruturados informação ambiental obtida através de vários sistemas neurais através de sistemas que integrem padrões significativos para aqueles.

A ativação desses padrões é a natureza automática de tais eventos ainda não teria a ver diretamente com uma pessoa gerar interpretações que afetam fortemente. Por exemplo, a notícia de que um amigo ou conhecido receberá reconhecimento imediato provoca em algumas pessoas tão deprimido e suscita idéias: "Eu não sou ninguém", "meu trabalho não funciona", "nunca vai conseguir nada" "Para mim, o mundo não me valoriza."

Beck descreveu os modos cognitivos da depressão (Beck & Alford, 2009), de vulnerabilidade que estão na raiz dos transtornos de ansiedade (Beck, et al., 1985), hostilidade (Beck, 1999), de crenças delirantes (Beck, et ai., 2009), entre outros.

No entanto, esta descrição deve ser alargado para o ponto em que seja possível conceber um modo conciliador partir de uma perspectiva de remissão; uma forma de resiliência e, finalmente, uma forma de reforço do ser humano. À medida que aprendemos a ver o

mundo de forma negativa, para mí e para o futuro, os seres humanos se desenvolvem, enquanto as perspectivas que permitem perdoar, aprender com nossos erros e dificuldades ou nutrir e aumentar nossas forças. Na Tabela 1 resumimos a tríade cognitiva descreve a concepção do self, o mundo eo futuro dos modos cognitivos característicos relevantes para a nossa discussão neste trabalho:

Modo de depresión o (Beck y Alford, 2009)		
Yo	Experiencias, mundo y otros	Futuro
Deficiente, inadecuado, carente de valía, con graves deficiencias físicas, intelectuales o morales. Todo lo hace mal. Los errores son muestra de ineptitud.	Constantes situaciones de fracaso, dificultades y problemas insalvables, con privaciones y derrotas continuas. A nadie le gusta estar con alguien como él.	Un futuro que sólo continuará las dificultades y cargas actuales. Frustración, sufrimiento y desesperanza es lo esperable. Nunca aprenderá y siempre será un fracasado
Modo de vulnerabilidad (Beck, et al., 1985)		
Yo	Experiencias, mundo y otros	Futuro
Los errores muestran los puntos vulnerables, cualquier signo de debilidad constituye un punto para ser atacado. Lo peor que se puede hacer es mostrar inseguridad o vulnerabilidad.	Toda situación extraña debe ser considerada como un peligro potencial. Los demás constituyen una amenaza constante. Debe evitarse cualquier situación que represente un riesgo.	Siempre hay que esperar lo peor. Las consecuencias de los errores propios o de un mal manejo de las amenazas externas serán catastróficas.
Modo de hostilidad fría, calculada (Beck, 1999)		
Yo	Experiencias, mundo y otros	Futuro
La violencia es instrumental, está justificada por los fines. La violencia no está dirigida al otro como persona o como objeto de odio sino porque es un obstáculo para lograr una meta. O bien porque el acto violento es el medio para la propia supervivencia.	Los otros no representan un peligro o amenaza en tanto no se interpongan con los objetivos propios, pero en el caso de tener que hacerles daño o incluso matarlos se hará. La violencia es parte de la vida no como una necesidad sino como una opción en ocasiones inevitable.	La supervivencia a futuro depende de no temer cometer los actos que sean necesarios, porque los demás no dudarán en hacer lo mismo. El ser humano siempre tendrá situaciones en que será inevitable usar la violencia.
Modo de hostilidad reactiva (Beck, 1999)		
Yo	Experiencias, mundo y otros	Futuro
Se es víctima constante de injusticias y es necesario detener a los que tratan así a las personas. Si no se actúa violentamente los demás no van a entender lo que hacen mal y no se podrá vivir en paz.	La única manera de lograr que el mundo acepte la verdad y entienda lo que es justo es a través de la fuerza y el poder sobre los demás. Aquí el más fuerte es el que gana. El mundo no es para los débiles. Es necesario acabar con los malos que perjudican a la sociedad.	Mientras existan enemigos no habrá paz. Para lograr un futuro tranquilo para los seres amados, hay que imponerlo a la fuerza, porque los seres humanos no entienden razones.
Modo de resiliencia ¹		
Yo	Experiencias, mundo y otros	Futuro
Las deficiencias y los errores son modificables y pueden quedar bajo el control del yo en buena medida. Los errores y las dificultades deben afrontarse, corregirse y ser resueltos.	Las dificultades y experiencias negativas son inevitables y no es conveniente evitarlas como método. Representan una oportunidad para aprender, para aumentar las propias fortalezas y	Las decisiones pueden producir consecuencias negativas, pero es necesario asumir el control de nuestras acciones. Si surgen problemas ya se verá cómo se resuelven y se desarrollarán

	capacidades.	estrategias adecuadas para salir adelante.
Modo de fortalecimiento personal (Con base en Seligman, 2006)		
Yo	Experiencias, mundo y otros	Futuro
Capaz de generosidad, honestidad, valentía, gratitud, amor por el conocimiento y curiosidad. Autocontrol. Mente abierta y crítica.	La belleza y la armonía son parte de las cosas junto con las dificultades y los problemas.	Esperanza y optimismo en que las cosas tienden a mejorar. Los problemas pueden ser resueltos con voluntad, trabajo y justicia.

Tabela 1. modos cognitivos

No geral, os primeiros quatro modos da Tabela 1 são a hostilidade e raiva. Neste agregado, se a pessoa acredita que a única maneira de sobreviver neste mundo cheio de hostilidade e violência entre os seres humanos, são os sentimentos de raiva e ainda mais fortes do que a outra ação, que ocorrem em relação aos outros eles são o ódio ea hostilidade. A violência é instrumental, por isso justifica-se pelo propósito, então, a violência não é dirigida a outro como uma pessoa ou objeto de ódio, mas porque é um obstáculo para alcançar um objetivo. O ódio é dirigido para o outro como se se tratasse de um objecto chato e pesado para ser removido. Se o outro é submetido, e não por causa de nojo e raiva, pode haver nenhuma causa ocupação inferior na mente da pessoa hostil. Mas você gerar a percepção de que o outro fez algo que é impossível de ignorar, ou seja, sem uma ação vingativa ou de retaliação, a raiva não vai ir embora.

Os dois últimos modos da Tabela 1 configura a natureza de modo cognitivo propício ao reforço da acção social, a perdoar. Como já se referiu, o processo do perdão pode produzir benefícios para a pessoa a vários níveis, permitindo que você mude sua visão das injustiças que ocorrem na vida e considerar a partir de uma perspectiva dicotômica não os agressores e violadores o respeito básico para a vida humana e, não menos importantes normas, correção de uma visão fatalista da própria pessoa como sendo passivamente obrigado a sofrer e suportar as injustiças dos outros.

No entanto, bem considerado, o processo de perdão pode deixar seu senso interpessoal, uma vez que não depende diretamente da interação com o agressor. Mesmo no caso extremo, a pessoa pode tomar a decisão de perdoar aqueles que

cometem injustiças contra ela, sem o infrator aprende o processo. Isso geralmente ocorre em situações em que não existe qualquer ligação ou alguma razão social, por isso deve haver qualquer contacto entre as pessoas envolvidas, após a ocorrência de ação doloso ou criminal. Além disso, isso acontece em casos em que a injustiça foi cometida de forma impessoal, como na guerra para ser morto pessoas amadas por um bombardeio inimigo que o culpado é conhecido o governo e os líderes militares do país ou do agressor exército. Em tais casos, é difícil saber o rosto ou o nome do assassino responsável por lançar a ofensiva.

Ao mesmo tempo, as condições em que, de uma forma ou de outra, há uma relação que requer algum tipo de contato entre agressor e vítima pode ser uma necessidade para manter as negociações para permitir interações subsequentes com a hostilidade menos possível. Neste caso, o processo de perdão pode servir a um propósito para a exploração ea natureza da relação (Maio et al., 2008). Assim, em comparação com uma ação que fere um dos participantes em um relacionamento, devido ao ressentimento, hostilidade e medo que resultam, você pode produzir uma retirada ou evasão da pessoa infratora, em termos evolutivos, o perdão pode ser mais eficaz no caso de relações entre pais e filhos. De acordo com Maio et ai. (2008) a proximidade ea manutenção de relações de proteção e cuidado são necessários em muitos casos, pelo menos, até a independência das crianças. Portanto, esses autores apontam que a conduta de reconciliação, que pode ser considerada como uma expressão de perdão, servindo a função de proteger os relacionamentos. Na interação familiar perdão é afectada pela possibilidade de repetição da infracção, a qualidade do relacionamento e da proximidade emocional dos membros, incluindo o insulto ocorrido (Maio et al., 2008).

Paleari, Regalia e Fincham (2010) distinguem pelo menos duas dimensões relacionais de perdão. De um lado está um conjunto de reações negativas persistentes para o ofensor, como pensamentos, sentimentos e ações de prevenção, ressentimento ou vingança. Este conjunto pode ser considerado o aspecto da inclemente ou irremissableness (perdão). A segunda dimensão, a benevolência, implica a existência de

pensamentos, sentimentos e ações e atitudes de boa vontade conciliadora em relação ao infractor.

No contexto desta última dimensão, a oferta conciliadora três maneiras diferentes: uma pessoa pode chegar a um compromisso com alguém, que no passado fez ações negativas contra ela, para evitar uma escalada insustentável de conflito ou para obter certos benefícios sociais, mas sem qualquer preocupação genuína pelos pecados percebidos perdoados. Ao contrário, a pessoa pode ser benevolente para com o outro e perdoar as ofensas, sem abrir mão de uma posição e decidir constituir, se necessário, tratados com respeito sem redefinir a relação, ou seja, um assentamento sem qualquer compromisso relacional adicional (Paleari et al., 2010). E, finalmente, pode-se escolher a perdoar qualquer injustiça ou ofensa liquidação na semana passada com um compromisso recíproco para evitar a repetição futura, sem o uso de extorsão ou chantagem, ou humilhação ou ofensa e de continuar a trabalhar juntos em projetos que unem forma essencial.

Também Paleari et al. (2010) têm apontado que o perdão é tanto uma estratégia de resolução de conflitos, como forma de responder a infracções, assalto ou ações prejudiciais no contexto das relações familiares e parceiro.

No caso de conflitos sociais que transcendem os limites das relações familiares e, em muitos aspectos, não depende da boa ou má vontade dos participantes individuais não é fácil de alcançar através do perdão um processo de reconciliação social. Neste contexto, Affouneh (2007) pôs em destaque o problema experimentado por crianças envolvidas em conflitos armados. Na maioria destes grandes hostilidades da população afectada são crianças e adolescentes. Muitos deles foram atacados e destruídos sua cidade, sua escola, sua casa, ou mesmo ter experimentado a morte de seus pais, parentes ou amigos. Affouneh faz a pergunta sobre como, em que a atmosfera de profunda injustiça, que gera ódio, ressentimento e vingança, a criança pode desenvolver um senso moral do perdão e da reconciliação. É uma educação moral que promove a paz, permanecendo condições de agressão contra o que a criança ama e valores?

Quando crianças e adultos com quem vivem diariamente, viver rodeado pela violência é muito difícil de ver outro caminho para sair da sua situação em vez de a violência em si. Affouneh recolhe testemunhos de crianças usadas como parte de suas palavras de vocabulário quotidiano como martírio, vingança e ódio.

Se Israel (O Mal'é Rachamim) eo mundo do Islã (Bismil-Lahi r-Rahmani r-Rahim) há um Deus misericordioso, cheio de compaixão e perdão. De acordo com ambas as tradições, Deus nos dá um exemplo de tolerância, misericórdia e perdão. Mas essas concepções em segundo e a perspectiva dominante está focada na própria vitimização eo outro mal. No entanto, no caso de conflitos armados na fronteira entre criminosos e ofendido geralmente desaparece e ambas as partes devem assumir a responsabilidade pela guerra. Os dois adversários devem reconhecer e expressar sua agressividade, a humildade, remorso pelo mal feito. Mas, além disso, cada um deve, como a parte ofendida, ser capaz de perdoar incondicionalmente gerar desejo de vingança ou sofrer outro que já sofreu. De acordo com Affouneh isso não é possível para as crianças palestinas, Israel e, provavelmente, para as crianças também, porque um processo de educação no perdão processo exigir justiça para parar a violência para sempre.

No entanto, mesmo quando escrito e falado muito da crescente deterioração do mundo e da humanidade em geral, toda sociedade em vários períodos ao longo da história tem enfrentado problemas econômicos, insegurança e violência, saúde bem como a injustiça social. Aqui é importante notar que há autores que têm uma perspectiva mais otimista e acreditar que o homem está ficando melhor e é mais capaz de manter um equilíbrio saudável na natureza (veja, por exemplo: Pinker, 2011). Por isso é essencial, seja qual for o ponto em que estamos entre esses dois casos extremos, a criança desenvolve modo cognitivo que requer reforço e uma nova concepção do que significa ser humano (Csikszentmihalyi, 2004). Brooks e Goldstein (2003) enfatizam a necessidade de mudar a nossa mentalidade para responder eficazmente aos problemas enfrentados pelo homem na forma mundo de hoje. Esses psicólogos, falando de fortalecer o caráter da criança, apontam para a urgente tarefa de promover o

desenvolvimento de uma perspectiva baseada em qualidades humanas ao invés de seus déficits, e numa atitude de admiração e respeito pelo mundo em torno dele.

Contrariamente a isto, de acordo com Seligman (2006), a maioria das pressões sociais sobre as crianças do século XXI estão concentrados no desenvolvimento de alta auto-estima, auto-confiança, autonomia, singularidade, riqueza, sucesso, o empreendedorismo, a competitividade, a boa imagem corporal. Para esta pesquisadora americana estas não são as qualidades que sua pesquisa no campo do que ele chamou psicologia positiva, encontrada no desenvolvimento de pessoas vivendo de forma construtiva e com sucesso. Os pontos fortes que ele encontrou em várias culturas, que podem ser adquiridos através da educação ou promover processos sociais formam a base do que chamamos aqui como cognitivos de capacidade de construção, virtudes e habilidades dos seres humanos.

Basicamente, os pais e educadores podem ajudar a desenvolver nas crianças o amor de aprendizagem, curiosidade, criatividade, inteligência social e uma mente aberta. É também essencial para incentivar nas crianças a coragem, mostrado quando decidem lidar com situações que causam medo e incerteza, ou aqueles que podem falhar. Perseverança, imparcialidade e integridade e, bondade, perdão e gratidão são o resultado de uma visão otimista do eu, do futuro e de outros seres humanos. Os pais e os adultos são modelos para o entusiasmo das crianças, um clima positivo, esperança e auto-controle que pode ajudar as crianças a trabalhar para atingir metas criativas. Enquanto isso, Csikszentmihalyi (2004) enfatiza que nós fazemos muito pouco para ensinar as crianças a ser magnânimo, isto é, que não dão qualquer importância na educação para treinar os seres humanos com uma alma.

No modo de forças humanas, a perspectiva mais centrada no indivíduo e assume a responsabilidade por suas ações em relação a outros seres humanos e com respeito às suas consequências futuras (Csikszentmihalyi, 2004). A pessoa percebe que há pessoas que gostam de você e quem você ama. Ela acredita que os homens geralmente querem

viver em paz e justiça, mesmo que, muitas vezes, parecem prisioneiros de ódio e sistemas econômicos e políticos pobres dependentes.

Esses subsistemas cognitivos são socialmente construídas em um mundo onde é impossível de ser estrangeiro para a maioria dos homens e mulheres. Então você pode ser ativado, o modo hostil ou vulnerabilidade facilmente deprimido, mas também são modos conciliatórios intrinsecamente humanos. Com o avanço do conhecimento dos processos cognitivos, e sua poderosa influência sobre a maneira pela qual a vida é percebida, é possível conseguir uma maior tomada de decisões sobre o tipo de pessoa que você é. Já não é possível descobrir os determinantes do seu próprio comportamento, é possível escolher o conjunto de crenças e expectativas que determinam o comportamento e emoções.

De acordo com Csikszentmihalyi (2009), ele não é apenas um processo cognitivo pelo qual uma pessoa desenvolve visões mais otimistas e ver o mundo e para o futuro com uma luz positiva, mas a única maneira de ter uma vida feliz e satisfatória é a construção de uma realidade que permite uma melhor qualidade de vida, com fatores sociais, urbanas, econômicas e políticas que favorecem o desenvolvimento máximo dos talentos, habilidades e pontos fortes dos seres humanos. Esta construção de condições de justiça e de equidade social depende, em grande medida, há uma geração de seres humanos generoso, grato, amantes do conhecimento e da justiça que decidem construir uma sociedade mais justa e pôr de lado recompensas imediatas e satisfações pelo desejo de alcançar objetivos sociais mais amplos de bem-estar, embora distantes no tempo. A comunidade antes de poder cobiçam e fortuna desenvolver esta sabedoria que permite ter uma perspectiva que um sentido de futuro, com o exercício dos pontos fortes da esperança, visão, propósito, fé nos seres humanos e entusiasmo. Psicologia e, em geral, as ciências sociais e humanas deve não só procurar maneiras de mudar a nossa forma de perceber e sentir a vida, mas levam ao desenvolvimento de estratégias para melhorar a própria vida (Csikszentmihalyi, 2009).

Considerações Finais

Neste artigo iremos revisar o desenvolvimento das estruturas cognitivas que apóiam as ações humanas que são considerados como bom ou ruim do ponto de vista moral e têm sido estudadas por vários pesquisadores de diferentes abordagens teóricas e metodológicas. Temos visto o surgimento de reversibilidade pela reciprocidade no pensamento (Piaget (1985) é um dos pilares sobre os quais a noção de justiça e equidade é construído. Reciprocidade que abre a porta ao perdão e à reconciliação com aqueles que não o fazem. Ele tem respeitado os nossos direitos. No entanto, este mesmo mecanismo do pensamento também pode suportar uma estrita justiça que pode levar à vingança e execução de atos cruéis com base da justificação destas ações foram ganhas ou são mereceu por parte da vítima.

Nós tomamos a perspectiva Beck quando se considera que o pensamento humano está organizado em esquemas e modos cognitivos. Aceitamos também que os processos cognitivos na esfera moral são baseadas esses conjuntos organizados de crenças que são essencialmente construções sociais que nos levam para o caminho de hostilidade ou perdão. Portanto, é a interpretação da situação e as intenções que motivam o comportamento dos outros e eu, que determina a avaliação moral do comportamento humano. Essa avaliação é imediata, através de pensamentos automáticos e mais elaborados como justificação, condenação ou o perdão dos "fatos" é necessária a partir do modo de raiva e hostilidade os dois primeiros e capacitação, virtudes e os poderes do ser humano, a última.

Muitas vezes, os processos cognitivos pode ser feita após as ações "imorais" e, às vezes, só se são socialmente necessário para dar sentido às nossas ações repreensíveis. Em casos de justificação e condenação, o homem, nas palavras de Javier Marias (2006), talvez

ato sem premeditação, sabendo que você vai encontrar mais tarde o argumento ou julgamento apropriado para justificar o que eles têm improvisado seu gosto ou instinto, ou seja, para explicar suas ações e suas palavras, sabendo que qualquer coisa pode se defender e que qualquer condenação contrário pode ser ilidida, razão sempre pode dar a si mesmo e tudo pode ser contado se for acompanhada por sua

exaltação ou desculpa ou atenuante ou mera representação, a contagem é uma forma de generosidade, tudo pode acontecer e tudo pode ser indicado e aceito, tudo você pode se safar, ou até mais, não danificadas, códigos e leis e mandamentos nem sempre segurar e são conversíveis em papel molhado (p. 160).

BIBLIOGRAFIA

- Affouneh, S.J. (2007). How sustained conflict makes moral education impossible: some observations from Palestine. *Journal of Moral Education*, 36(3), 343–356. doi: 10.1080/03057240701553321.
- Allen, L. (2008). Getting by the occupation: How violence became normal during the Second Palestinian Intifada. *Cultural Anthropology*, 23(3), 453–487. doi: 10.1111/j.1548-1360.2008.00015.x
- Arendt, H. (2000). Eichmann en Jerusalén, un estudio sobre la banalidad del mal. Barcelona: Lumen.
- Bandura, A. (2002). Selective moral disengagement in the exercise of moral agency. *Journal of Moral Education*, 31(2), 101 – 119. doi: 10.1080/0305724022014322.
- Bandura, A. (1997). Self-Efficacy: The exercise of control. New York: W.H. Freeman & Company.
- Bandura, A. (1991). Social cognitive theory of moral thought and action. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Bateson, G. (1979). Espíritu y naturaleza. Buenos Aires: Amorrortu.
- Beck, A.T. (1999). Prisoners of hate. New York: Harper Collins.
- Beevor, A. (2005). La guerra civil española. Barcelona: Crítica.

Bickerton, I.J. & Klausner, C.L. (2007). *A History of Arab-Israeli Conflict*. Upper Sadle River; Pearson Prentice Hall.

Brooks, R. & Goldstein, S. (2004). *El poder de la resiliencia*. México: Paidós.

Brym, R.J. & Maoz-Shai, Y. (2009). Israeli state violence during the second intifada: Combining new institutionalist and rational choice approaches. *Studies in Conflict & Terrorism*, 32(7), 611–626. doi: 10.1080/10576100902961797.

Cercas, J. (2009). *Anatomía de un instante*. Barcelona: Random House Mondadori.

Csikszentmihalyi, M. (2004). What we must accomplish in the coming decades. *Zygon*, 39(2), 359–366. doi: 10.1111/j.1467-9744.2004.00579.x.

Levi, P. (2002). *Si esto es un hombre*. Barcelona: Muchnik editores.

Maio, G.R., Thomas, G., Fincham, F.D., Carnelley, K.B. (2008). Unraveling the Role of Forgiveness in Family Relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 94(2), 307–319.

Marías, J. (2006). *Mañana en la batalla piensa en mí*. México: Random House Mondadori.

Piaget, J. (1969). *Biología y conocimiento*. México: Siglo XXI editores.

Piaget, J. (1985). *El criterio moral en el niño*. México: Ediciones Roca

Pinker, S. (2011). *The Better Angels of our Nature: Why Violence has Declined*. New York: Viking Penguin.

Pinker, S. (2009). *How the mind works*. New York: W.W. Norton & Company.

Seligman, M.E.P. (2006). *La auténtica felicidad*. Barcelona: Ediciones B.

Shakespeare, W. (1911) *Hamlet*. En W.G. Clark & W.A. Wright (Eds.) *The Complete Works of William Shakespeare*. New York: Grosset & Dunlap

Sicilia, J. (2011). *Estamos hasta la madre*. México: Temas de hoy.

ⁱ Basado en las propuestas sobre resiliencia de Brooks & Goldstein (2004).